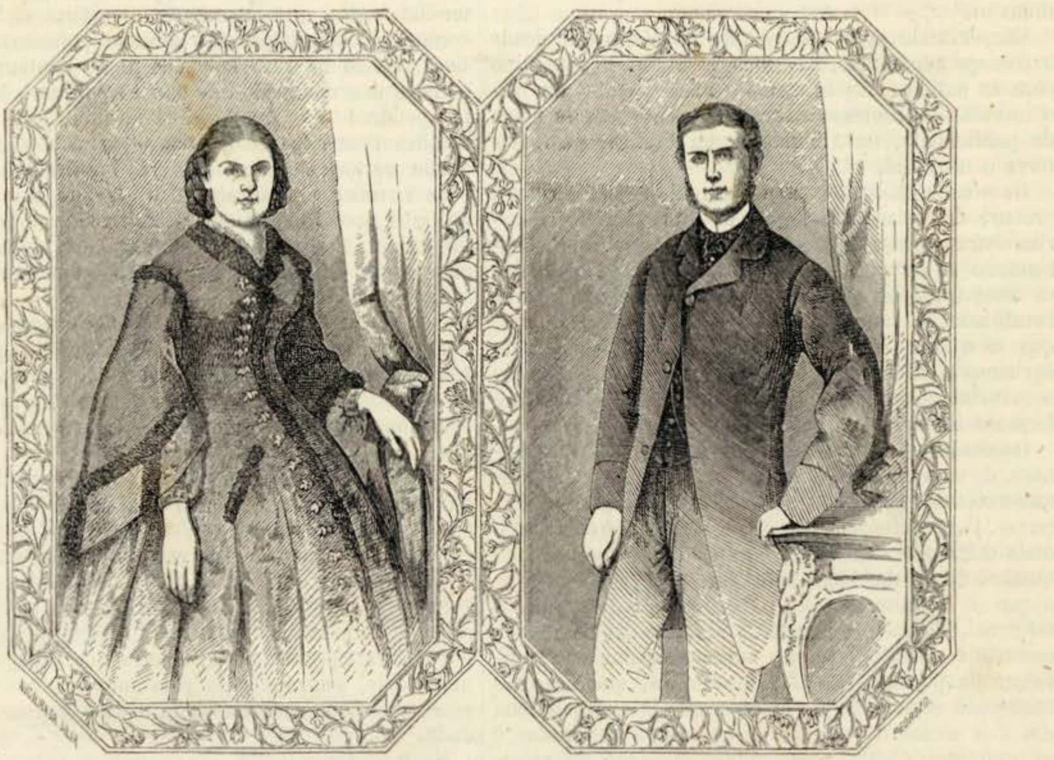
ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO, IRMÃO & C.ª

Assignatura, em Lisboa 2:000 rs.—para as provincias pelo correio, 2:200 rs.—Brasil, moeda fraca 6:000 rs.—numero avulso 50 rs.
Escriptorio, rua da Boa-Vista—Palacio do conde de Sampaio.

5.º ANNO—1862



SUAS ALTEZAS O PRINCIPE E A PRINCEZA DE HOHENZOLLERN-SIGMARINGEN

Desenho de Nogueira da Silva, tirado da melhor photographia — gravura de Pedroso

PROLOGO

Se o baixel se acredita successivamente pelo numero das viagens de ida e volta, a porto e salvamento, com o favor de Deus e trabalho do homem, este, cuja mareação nos está confiada, conta já quatro, e váe, com a mesma confiança na Providencia que tutela as boas obras, tentar quinta viagem, com a mesma derrota, com egual, se não melhor, carregação de generos alimenticios para o espirito e para o coração do povo.

Se o mercado não compensa ainda o trabalho, o dispendio e os riscos d'esta industria santa do derramamento da instrucção popular, por via dos jornaes polygraphos, tempo virá que o povo, sabendo que lhe fornecem conducto são, de bom sabor e de substancia, ha de têl-o por tão indispensavel em sua pousada como o pão de cada dia, lembrando-se então de que o Divino Mestre disse que não só d'este vivia o homem.

Está hoje assentado, inquestionavelmente, que os jornaes litterarios são o complemento da instrucção primaria. Ensinar a ler sem crear ao mesmo passo bons textos para o exercicio e proveito da leitura, é faltar á mais util clausula do programma da educação publica.

Ferindo este ponto, com o vigor que todos lhe conhecemos, já o sr. A. Herculano, no prologo do *Panorama* de 1838, se lastimava de que a instrucção primaria estivesse tão desprezada e incompleta, por falta de publicações periodicas onde ella se robustecesse e desenvolvesse. Censurando a preferencia que os poderes publicos davam á instrucção superior, Alexandre Herculano exclama:

A pobresinha (instrucção primaria) coberta de farrapos, que foram bellos vestidos no seculo passado, estende a mão para que a soccorram, mas não ha ouvil-a; em quanto sua irmã mais moça, a instrucção superior, hoje a vestem á ingleza, ámanhã á franceza, e tanto a pretendem amimar e alindar que a

convertem em dançaria de funambulos. Se estes carinhos se repartissem entre as duas irmãs, se dessem ao povo os rudimentos geraes da instrucção, antes de lhe ensinar sciencias, parece-nos que a civilisação caminharia em Portugal melhor.

Foi esta sentença proferida ha vinte e quatro annos, e ainda até hoje se lhe não deu execução, por parte do governo!

Embora. O que não faz quem o tem por obrigação, façâmo-lo nós por devoção.

A empreza do *Archivo Pittoresco* não mira a lucros, porque sabe que os não dá esta industria, lá fóra tão pingue; e porque não ignora, que desgraçadamente honra e proveito poucas vezes se emparelham. Mas contenta-se com a intima satisfação de que presta um serviço á sua terra, e com a que lhe resulta de ver a arte da gravura em madeira aperfeiçoar-se e a typographia realçar cada vez mais. É de fundição nacional a letra que para este volume encommendámos, e a perfeição d'ella acredita a officina que o estado mantém.

Conservando as bases capitaes do plano que desde o começo adoptámos, havemos de amplia-lo este anno com as noticias dos inventos e aperfeiçoamentos que o incessante progresso das sciencias vae dando á luz da publicidade, na Allemanha, na França, na Inglaterra e na Italia.

Os nossos classicos, cada vez mais raros, porque a procura das suas obras, para as bibliothecas e livrarias estrangeiras, augmenta de anno para anno, continuarão a ser consultados e extractados para todos os assumptos em que a sua auctoridade não estiver invalidada; e sempre para estudo da nossa lingua, que só assim poderemos estancar a alluvião de barbarismos e gallicismos, com que nos estão desbotando e manchando as galas e louçania de tão opulento e formoso idioma.

Os desenhos serão agora pela maxima parte originaes, de monumentos, paizagens, retratos, typos, costumes e coisas nossas; e as gravuras mais accuradas e correctas. Este melhoramento do nosso jornal é de todos o mais difficil de conseguir, porque não temos bastante numero de artistas habilitados para o bom desempenho a que se dirigem os nossos constantes e dispendiosos esforços. Felizmente, alguns cavalheiros das provincias nos tem remettido desenhos muito aproveitaveis, mórmente da provincia de Traz-os-Montes, que tão desconhecida está ainda do lapis, o que nos proporciona um dos meios de ampliar o panorama das vistas e monumentos de Portugal, deixando assim de recorrer ás photographias e desenhos estrangeiros, aliás de merecimento.

Para este fim, aventuraram-se os editores do Archivo a fundar, no vasto edificio da sua typographia, uma officina de gravura de madeira, dirigida pelos dois melhores artistas que temos n'esta especialidade, onde constantemente se grave para este semanario.

Admittem-se, desde já, aprendizes que tenham curso completo de desenho, para podermos crear uma eschola, a qual de futuro possa dar gravadores ás publicações que os auctores ou editores quizerem illustrar. Oxalá que vingue esta civilisadora tentativa!

Tambem esperamos que os nossos assignantes se dêem por satisfeitos da diligencia que empregámos para variar e abrilhantar a redacção do Archivo, com artigos dos nossos primeiros escriptores, cujos nomes se irão lendo successivamente n'estas columnas.

Além dos auctores que por nós foram pessoalmente convidados, todas as pennas de bom aparo acharão campo aberto n'estas paginas.

O poderoso auxilio que nos continúa a meritissima Sociedade Madrépora, não só no avultado numero de exemplares que nos toma para distribuir gratuitamente pelas escholas populares d'este reino, mas para as diversas provincias do imperio do Brasil, assim como o diurno augmento de assignantes, nos tem desaffrontado mais dos empates inherentes a estas emprezas, que ás vezes chegam a ser incomportaveis para quem não possue grandes cabedaes.

SUAS ALTEZAS O PRINCIPE E A PRINCEZA DE HOHENZOLLERN-SIGMARINGEM

Entre as familias soberanas da Europa moderna, tem merecido com justiça a reputação de uma das mais honradas e benemeritas a estirpe de Bragança, depois que a Senhora D. Maria II assumiu em tenra edade os cuidados do governo, e alliou aos encargos da realeza a magestade, não menos veneranda, de mãe exemplar.

Poderam as luctas civis dividir as opiniões e os conceitos sobre o caracter politico da primeira rainha constitucional. Poderam as paixões exaggeradas pintar-lhe feições que lhe não eram naturaes. A rainha, como succede sempre aos grandes personagens politicos, achou na variedade dos juizos contemporaneos o triste desengano de que não é a purpura, nem mesmo pendente dos hombros da mulher, forte e efficaz defensa contra as tempestades partidarias. A rainha achou sectarios e inimigos. A mulher impoz pelas suas virtudes a admiração e o respeito universal. Os proprios que a julgaram severamente, rainha sentada no throno, a reverenciaram, mãe de familias, no recato do lar domestico, adornecido e ennobrecido pelo esplendor das virtudes christãs.

Em tão austera eschola, e sob tão exemplar educadora, se creou esta familia de principes, que pelas suas eminentes qualidades conquistou veneração unanime, assim como pelos seus lastimosos infortunios estreitou o vinculo de affeição que a ligava, pelos triumphos, ao povo portuguez.

Nunca, desde a familia heroica do mestre d'Aviz, se havia contemplado no throno e em volta d'elle, uma sociedade de principes tão esclarecidos pelos dotes do seu espirito, tão sinceramente venerados pela excellencia do seu caracter. Era como que uma dynastia chamada pelos seus extraordinarios predicados a justificar perante a democracia o principio hereditario da realeza; e a mostrar, praticamente, como é que a magestade da monarchia, engrandecida pela magestade da intelligencia, se póde germanar com as instituições da liberdade.

Se a impressão que deixa nos espiritos uma mimosa educação, se revelou desde os primeiros annos da adolescencia nos principes da familia real, não foi menos fructuosa nas duas princezas a quem a rainha deixou a preciosa herança de suas virtudes.

Sua Alteza a Senhora D. Antonia, cujo retrato hoje dâmos em gravura aos nossos leitores, é a mais nova das duas princezas. Todos tem ainda vivas e presentes as graças e os encantos feminis, com que se admiravam coroadas pela auréola real, as perfeições que tornam adoravel a mulher. Todos nos lembrâmos do mimo e afago com que lhe desejavamos, que á escolha do seu coração respondesse a felicidade, tão avara poucos mezes depois com os principes seus irmãos! Todos a vimos largar das praias portuguezas, quasi pezarosos de que a levassem para longe da terra em que nascêra; e entre pompas e esperanças de ventura para terra alheia e como que de exilio, — que exilio é sempre, e doloroso, embora suspirado e buscado em galeões reaes e entre salvas e ovações, a afastar-se para sempre da patria, quem n'ella deixa as saudades da infancia, amada de respeitos e affeições.

Sua Alteza a senhora D. Antonia, hoje princeza de Hohenzollern-Sigmaringen, nasceu em Lisboa, no paço das Necessidades, a 17 de fevereiro de 1845. Re-

cebeu na sua puericia a esmerada educação com que se cultivou o seu espirito, e se accrescentaram os seus dotes naturaes. De todas as prendas que afformoseiam e relevam a graça nativa da mulher, se adornou a infanta, como quem era destinada a entrar por seu consorcio, em familia tão esclarecida e celebrada como é a de Hohenzollern, pela sua tradicional illustração intellectual, e em corte a que, como á de Berlim, a cultura do entendimento tem dado os foros de metropole da civilisação germanica.

A alliança da familia de Bragança com a antiga estirpe de Hohenzollern, pela união del-rei D. Pedro v com a lastimada rainha D. Stephania, veiu a estreitar-se pelo matrimonio da senhora infanta com o principe Leopoldo, ... a mal-aventurada esposa de D. Pedro. Celebraram-se solemnemente as nupcias na capella real de Nossa Senhora das Necessidades, com toda a pompa e gravidade usada n'estas occasiões. Demorou-se a infanta com seu esposo alguns dias ainda na corte, e a 18 de setembro de 1860, acompanhada de saudades affectuosas e de votos sinceros pela sua ventura, saiu a senhora D. Antonia com o principe seu consorte a bordo da corveta *Bartholomeu Dias*, em que ia de commandante o senhor infante D. Luiz, hoje rei de Portugal.

Do principe de Hohenzollern é o retrato que figura ao lado do da princeza. É o principe Leopoldo mancebo de gentil presença, ainda na primavera dos annos. Nasceu a 22 de setembro de 1835, e é filho primogenito do principe outr'ora reinante de Hohenzollern-Sigmaringen. Está este principado hoje encorporado nos dominios da Prussia, cuja dynastia actual é um ramo illustre da familia de Hohenzollern, elevada em 1701 á cathegoria real na pessoa de Frederico I, conde de Hohenzollern, burgrave de Nuremberg e eleitor de Brandeburgo.

J. M. Latino Coelho.

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

Deram ao diabo o nome de *fradinho da mão furada*, os que se persuadiam que algumas vezes appareciam duendes em figura de frades.

Padre Raphael Bluteau.

I

Retirou-se um soldado da milicia de Flandres, em tempo de Filippe II, chamado André Peralta, afflicto e maltratado da guerra, tão pobre como soldado, e tão desgraçado como pobre.

Depois de entrar n'este reino, onde havia nascido, caminhou para Lisboa, patria commum dos estrangeiros, madrasta de naturaes, protectora de aventurosos, até que lhe começou a anoitecer uma legoa distante da cidade de Evora, n'um sitio onde estavam umas casas abertas e desoccupadas de gente.

Vendo o soldado caminhante que a noite ameaçava escuridão, e que as nuvens, sem descançar, choviam e trovejavam, se resolveu a passar a noite, como podesse, n'algum aposento mais reparado d'aquelle edificio, contentando-se, para passadio de tão poucas horas, com o limitado provimento do seu alforge. E cortando com a espada alguns ramos de arvores e tojo dos vallados que perto estavam, para accender fogo a que se enxugasse e reparasse do frio, se recolheu a um dos aposentos que julgou mais commodo.

Tirou do alforge fuzil e pedreneira, que é a mais importante alfaia de quem caminha, accendeu fogo, a cuja claridade, varrendo com uns ramos parte do aposento em que se accommodou, depois de se enxugar, ceou do pobre sustento que trazia. Já tinha o soldado (depois de cear) dormido um breve somno, pois seria passada a terça parte da noite, quando acordou a um grande estrondo que nas visinhas salas se fazia. Applicou ao lume alguns ramos para que, com mais luz, podesse testimunhar o que aquillo era, e ouviu uma voz desentoada e medonha que lhe dizia:

— Despeja, atrevido soldado, este aposento, se não queres perecer n'elle, derribando-o e desfazendo-o eu sobre ti!

Attendendo a esta voz, o soldado viu que a seu parecer as paredes do cubiculo estremeciam, prognosticando ruina, e que os fragmentos das antigas portas e janellas se quebravam, mas nem por isso perdeu o animo; antes, fazendo das tripas coração pelo não matar primeiro o medo que o perigo (como muitas vezes succede aos desalentados), respondeu á dissonante voz dizendo:

— Se és espirito transmigrado d'esta vida, e necessitas de algum suffragio n'ella, eu te requeiro da parte de Deus me digas quem és, e o que pretendes, que animo tenho para te servir, e te prometto fazer tudo o de que necessitares para teu remedio; ainda que por ser um pobre soldado me seja forçoso mendigar para o fazer. E se és espirito damnado, não se me dá de teus ameaços, que aqui tenho a cruz da minha espada, e palavras me ensina a santa fé catholica que me livrarão de ti e de teus poderes, pois não tens jurisdicção para nada executar sem a divina justiça o permittir. De mais, se eu aqui te enfado, pouco tempo terás essa molestia; pois é já passado tanto espaço de noite, e apenas apparecer a primeira luz da resplandecente aurora despejarei, que o rigor da escuridão e tempestade me não dá logar a obedecer-te immediatamente. Com isto, me parece, que se em ti ha algum conhecimento da razão, te pódes dar por satisfeito, e haveres-me por desculpado de ousar ser teu hospede, que se no campo havia de perecer a vida esta noite, á chuva e ao frio, mais licito me pareceu fial-a ao abrigo solitario d'esta casa.

Replicou a voz:

— Ora já que estás tão pertinaz em não despejar, tanto choverá aqui como no campo.

E dizendo isto, em um breve instante descobriu o telhado do aposento, e ficou chovendo n'elle como na rua.

O soldado, vendo-se n'aquelle aperto, não teve outro remedio senão metter-se no canto da chaminé, e tornando ás boas com o dono da casa (que até o diabo se obriga de lisonjas pelo que tem de enganador) lhe disse:

— Senhor Barrabaz, Astarot, Belial, Asmodeu, Leviathan, Belzebub, ou qualquer outro principe infernal que vossa diabrura seja; não é politica de grandes sugeitos usarem brigar com os humildes. Perdôe vossa diabrura violar o solitario d'esta casa com minha pousada; e considerando que o medo e o frio fazem metter o homem com seu inimigo, e como o d'esta noite era tão grande, me obrigou a não reparar no terror d'ella. Sirva-se vossa diabrura de tornar a telhar a casa, para que me repare da chuva, que em rompendo a luz do dia a despejarei logo. Contente-se, por castigo do meu erro, com os sobresaltos que me tem dado, que tanto é o de mais como o de menos; e se quer que conversemos um pouco, appareça, que animo tenho para isso; e por mais feio que se me represente, não me aproveitarei das palavras que sei para me livrar da sua demonencia, nem lhe direi: «Vade retrò»: nem o notificarei com os exorcismos que tanto descompõem e desorientam a vossa diabrura.

Palavras não eram ditas, quando já a casa estava outra vez telhada, e o diabinho da mão furada em presença do nosso André Peralta, em figura de fradinho, de pequena estatura, mas de horrendas feições: os narizes rombos, cascarrosos de monco, os olhos encovados em profundas grutas, bocca formidavel, com

dentuça de javali, e os pés de bode. Encarando o sobresaltado Peralta, articulou o diabo estas palavras:

— Ó animoso soldado, não sou d'esses principes infernaes que disseste; sou sim commissario geral para tentador e provocador de maldades, depois que por soberbos e ingratos ao nosso ineffavel Creador, nos despenhou elle das celestiaes alturas; alguns de nós foram sepultados nos abysmos infernaes, outros ficaram no ar, á superficie da terra, tendo para nossa pena movermos as tempestades e terremotos, quando o poder que nos precipitou o permitte para castigo do mundo.

D'estes sou eu um dos mais perversos, e o mais endiabrado de todos. Fui eu que inventei o tomar tabaco, para que os homens perdessem o sentido e regalo do olfacto, e andassem sempre ennodoados; e bem se vê que foi inventiva minha similhante vicio, tanto sem gosto, pois não soffrem os que o tomam, quando espirram, que lhes digam: «Dominus tecum»; porque respondem logo, para evital-o: senhores, isto é do tabaco: e tem por delicia mettel-o em pó pelos narizes dentro, ou bebel-o em fumo pela bocca á imitação do inferno. Eu inventei os sapatos acolherados, com um palmo de polvili [1], e sua forquinha adiante, em signal do que merece quem os usa. Eu inventei os rebuços de meio olho, por levar as mulheres em liberdade á socapa; inventei os mônhos, as anagoas, as anquinhas, os punhos francezes pelo meio dos braços, e os decotados provocadores de lascivias. Não fallo em capoinas, sarambeques, chacotas, sarabandas e seguidilhas deshonestas, que isso são coisas de nonáda para mim. Uns me chamam diabinho, outros fradinho da mão furada, por alguns de nós termos as mãos tão rotas de liberalidades, que em muitas casas, por onde andâmos, fazemos ferver o mel, crescer o azeite, augmentarem-se os bens, lograrem-se felicidades, e sobretudo, quando no-lo merecem, com a boa companhia que nos fazem, descobrimos thesouros escondidos aos donos das casas em que andâmos. A estas me inclinei para minha habitação, pelos infelizes donos que tiveram, e os execraveis maleficios que n'ellas se executaram. D'aqui tenho ordem de Lucifer para acudir a todos os magicos e bruxas que tem pacto comnosco, e lhes dar razão do que por meio da minha industria querem saber. Determinava fazer-te má hospedagem; mas vendo-te tão animoso e justificado, revoguei minha tenção (que até os diabos, pelo que tivemos de atrevidos, respeitâmos os sugeitos valorosos), que não somos tão feios como nos pintam; e já folgo de ter-te hospedado esta noite, para a passar conversando comtigo, por seres homem de estimavel valor, a quem minha presença não atemorisa, como a alguns, que só do meu nome se assombram e arripiam. Assim, não partirás d'aqui sem eu ir aproveitado, e te fazer grandes bens.

Respondeu o Peralta:

— Agradeço a vossa diabrura, senhor fradinho da mão furada, a hospedagem d'esta noite, por ser inescusavel; mas os favores que me promette escuso, porque, como vossa demonencia costuma pôr o mel pelos beiços de similhantes promessas, com que engana os parvos, para depois se pagar d'ellas com tanto damno dos que lhe dão credito, não quero eu prato de oiro em que hei de escarrar sangue, e sangue espiritual, com risco de minha salvação!

— Ora digo, (replicou o diabolico fradinho) que és discreto, pois me conheces tão bem. É verdade que a profissão da minha natureza é a que suppões, de enganar com promessas de bens, para d'elles tirar males de quem os recebe, sem considerar a pensão com que lh'os concedo, porque os ignorantes cuidam que no receber não ha engano, mas de mim pódes estar seguro, que de ti não quero nada mais que fazer-te bem; porque parece que outro démo como eu me cortou o embigo.

— Não entendo (respondeu Peralta). A mim não me enganam palavras; a verdadeira felicidade não consiste em tér tudo, senão em desejar nada; e vossa demonencia bem sabe que n'este mundo o fazer bem e fazer mal tem egual perigo; porque nunca falta contradicção a quem bem obra, nem o que é mau tem boa correspondencia. Sempre observei o não teimar com rei, nem com os superiores, nem com os ricos, e muito menos com os diabos, porque não ha valor em natureza humana para porfiar muito, havendo de medrar pouco. Alguns avisos se dão aos superiores que não são faltas de infamado, senão mentiras de invejoso, e por isso, commummente, leva o premio quem o não merece. A vossa diabrura não peço nada mais senão que me deixe socegado para passar aqui o restante da tempestuosa noite.


O fradinho ou diabinho da mão furada

— Não sejas tão desconfiado da affeição que te tomei (respondeu o diabinho), porque não pareças ingrato. Chegaste aqui pobre, e quero que vás rico. Considera, para não engeitares o que te offereço, o que diz o castelhano: «Rogase el milagro, chegalo el diablo.»

A isto respondeu Peralta:

Se vossa diabrura quizer obrar commigo essa grandeza, sem esperar de mim que ouse quebrantar em nada a obrigação de fiel catholico, «no será mi dicha tanta quanta será mi plazer.»

— Ainda assim (replicou o fradinho), não se pescam trutas a bragas enxutas.

Respondeu Peralta:

— Tambem se tomam trutas a bragas enxutas; os bons pescadores as tomam presentadas; e presentes ha que não custam a quem os recebe mais que aceital-os.

Teimou o diabinho:

— Nunca o muito custou pouco. Já te disse, não queria que te custassem nada os favores que te fizesse, porque me pago d'elles no gosto que tenho de fallar comtigo.

Querendo a isto responder Peralta, lh'o impediu a

[1] Salto de cortiça.

vista de quatro vultos femininos, que, com horrivel estrondo, entravam pela janella, fazendo grande alarido, as grenhas soltas, empeçadas e negras, as caras disformes, as carnes curtidas, e nas grosseiras e torpes mãos umas candeiasinhas accesas. Todas ajoelhando ao diabinho lhe fallaram na fórma seguinte:

— A ti, ó poderoso commissario do principe das trevas, reverenciâmos e rendemos graças, como tuas fieis subditas. Vimos publicar os beneficios que temos feito em virtude do pacto que comtigo temos celebrado, para que o julgues por bom acerto, e nos não faltes quando te invocâmos.

— Agradeço-vos, amigas minhas (respondeu o diabinho), esse cuidado, e a adoração que me fazeis; assim, bem podeis relatar as maravilhas que tendes executado, em virtude do favor que vos concedo.

Levantou-se então uma das bruxas com humilde submissão, e disse ao diabinho:

— Eu, lucifero commissario, venho esta noite de chupar o sangue a um menino, que não havia mais que dois dias fôra baptisado, e o deixei sem vida.

Ao que respondeu o diabinho (dando um formidavel grito):

Ó monstro indigno do meu favor, e do titulo de



Flor da Rosa — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes [1] — gravura de Pedroso

bruxa! Mereces, por tal feito, que logo em corpo e alma te sepulte nas profundezas do inferno, e que não vejas mais luz do mundo! Não fôra mais licito, que antes de se baptisar esse menino lhe tirasses a vida, que então, quando não tivéra pena, não gozára da gloria que perdeu a nossa soberba, cuja inveja nos abraza, e nos obriga a procurar a perdição de todas as creaturas, para que não occupem as cadeiras que nós perdemos?

A innocentes em graça matas, feminina Herodes, para irem gozar da eterna gloria? Não fôra melhor que esse innocente vivesse até á edade em que peccasse, para que tiveramos parte n'elle, do que evitar-lhe este perigo com lhe tirar a vida?

— Grandes diligencias fiz, ó indignado commissario, (respondeu a bruxa), por executar minha maldade antes d'elle se baptisar; mas semeando seus paes mostarda pela casa, levantando os ferrolhos das portas, e pondo as espadas nuas nas entradas d'ellas, m'o impediram, que não sei que antipathia tem comnosco a virtude d'estas coisas, que se oppõem com grande violencia aos nossos intentos; se não é que procedeu similhante effeito da virtude de alguma reliquia ou samão que ao infante se tinha posto, que será o mais certo. Quanto ao que me dizes, que mais justo fôra viver aquelle innocente até á edade em que peccasse, para n'elle teres parte, contenta-te com a que tiveste pela culpa original que lavou o baptismo; pois se vivêra poderia ser um grande santo, além de ficar por tal capaz de maior gloria, que podéra acontecer, com seu exemplo, reduzir muitas almas a Deus, e tirar-t'as das mãos. E sobretudo, teres a culpa da minha hydropesia do sangue humano, pois te fizeste insaciavel sanguesuga d'elle.

O endemoninhado fradinho respondeu:

— Ó inferno abbreviado! Ó feminino Herodes! Ó diabo dos diabos! Pois que atormentas com o sangue que chupas aos innocentes baptisados, não te irás d'aqui, indigna da minha presença, e de meus favores, sem o merecido castigo.

E sem mais nem mais, tomando um pau dos que

[1] Este desenho pertence a uma collecção com que nos brindou o sr. A. Lopes Mendes, distincto discipulo do Instituto Agricola de Lisboa, adjunto á commissão de professores d'este Instituto, que foi estudar a provincia de Traz-os-Montes em 1857.

Peralta tinha destinado para o lume, a moeu com pancadas de tal sorte que lhe derreou uma perna e um braço.

Admirado estava Peralta, e fóra de seu sentido, vendo aquelle espectaculo, e de haver gente baptisada, que por gozar favores do demonio, para sua eterna condemnação, se offerecia a tal ignominia. Desejava-se ver d'alli cem legoas; e maldizia em seu coração a sorte que o trouxera aonde se julgava em tamanho perigo, vendo a seu parecer o inferno em vida, se bem que fiava de seu animo e coração, que encommendando-se interiormente a Deus, mediante o seu divino favor, escaparia com vida.

(Continúa)

FLOR DA ROSA

I

> N'essa região fertil Transtagana
> Fez da Amieira a força bellicosa,
> E novamente á terra Lusitana
> Edificou a alegre Frol de Rosa,
> Aonde á Virgem pura e soberana
> Fez do seu nome a casa milagrosa,
> Da ordem lhe annexou grossa renda,
> Ordenando de novo uma commenda
>
> LOBO — *O Condestabre* — Canto II. Est. LXI.

Quem ha ahi que não conheça a donosa Alda, a sobrinha querida do bom Froilão Dias, a afilhada predilecta de D. Alvaro Gonçalves, a esposa do celebre Alfageme de Santarem?

Quem ignora que em Flor da Rosa, *n'aquella casa tão bemfazeja e tão rica, verdadeira casa de hospitaleiros*, nasceu e se criou a gentil donzella, *como senhora entre senhoras, com mais prendas que ellas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas?*

O interesse, que não póde inspirar-nos, por aquelle famoso monumento, a antiga narrativa, acaso verdadeira, quando attribue a sua fundação ao que

> Privado de tres reis mui venerando,
> Foi de Affonso, de Pedro, e de Fernando, [1]

valeu a crear-no-lo uma singela ficção. [2]

Desejavamos conhecer *a honrada e virtuosa casa da Flor da Rosa*, onde ao immortal Garrett aprouve fazer educar a sua Alda, com mais vivo empenho, do que o vetusto castello em que morreram Templarios. [3]

É que a nós, homens de paz, inimigo de batalhas, se nos afigura, que á modesta sombra das paredes domesticas floresce, abrigada e tranquilla, mais gloria do que no recinto dos baluartes, atraz de valentes muralhas.

Era uma hora da tarde do dia 13 de junho de 1859, quando chegámos ao Crato. Descançámos poucos minutos, e, apesar da vehemencia da calma, dirigimo-nos logo a Flor da Rosa, distante um quarto de legoa.

Abria-se-nos diante uma larga estrada, bordada de ambos os lados de formosas propriedades.

Flor da Rosa é logar grande em sitio alegre e desabafado. A sua população toda, ou quasi toda, é de oleiros, que fazem loiça ordinaria, mas que tem a reputação de resistir bem ao fogo, e por isso se estima e vende muito n'esta parte da provincia.

Separado do logar, mas a pequena distancia, em uma planicie, se ergue o nobre alcaçar que iamos visitar.

[1] *O Condestabre de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira*, de Francisco Rodrigues Lobo, Canto II, Est. XXXII.

[2] *O Alfageme de Santarem, ou a Espada do Condestavel*, pelo auctor do *Catão* e *Auto de Gil Vicente*, Act. I, scen. II, e VIII.

[3] *Chorographia Portugueza*, pelo P. Antonio de Carvalho da Costa, tom. II, pag. 580.

Memorias da Ordem Militar de S. Joao da Matta, por Fr. Lucas de Santa Catharina, tom. I, pag. 244.

Santuario Marianno, tom. III., liv. V, tit. I.

II

Devêra ser, na sua primitiva, uma inexpugnavel fortaleza a casa e templo que se denomina de Nossa Senhora da Flor da Rosa. Construida de cantaria, e coroada, em toda a extensão, de ameias, guaritas e cubellos, recorda a epocha em que os portuguezes, das proprias egrejas, defendiam a sua liberdade e a sua patria.

Achavam-se já sepultadas em ruinas as cellas dos moradores antigos; conservavam-se, porém, ainda de pé, algumas salas, atulhadas então de feno, e um claustro de oito arcadas, com pilares de marmore, que pareciam como afogados em um espesso sylvado.

Cento e vinte e cinco annos antes *davam corpo ao antigo edificio, nobre e sumptuoso, grandes claustros, casarias espaçosas, e eguaes officinas, servindo-lhe de ornato torres de cantaria altas e bem lavradas*, segundo testifica fr. Lucas de Santa Catharina nas suas *Memorias da Ordem Militar de S. João de Malta* [1]; o que, ao presente, se acha menos deteriorado é o templo, venerando sanctuario por seu nobilissimo fundador, o prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira, e mais venerando ainda pelas piedosas romarias, que os povos de duas provincias fazem, todos os annos, ao seu orago. [2]

Está assente em terreno alagadiço, reçumando agua as paredes e pavimento, ainda na mais calmosa quadra

Sobre o portico lê-se a inscripção seguinte:

Virgini Gratiarum Sacrum.

É comprido, de uma só nave, em fórma crucial, e mal allumiado. O arco da capella-mór é altissimo, e pareceu-nos, sob alguns respeitos, desproporcionado.

A imagem da Senhora é de pedra, e de primorosa esculptura, com ser mui antiga. Tem no braço esquerdo o Menino Jesus, tambem de grande formosura; e as frontes de ambas as imagens cingiam coroas de prata, que um grão-mestre lhes havia mandado de Malta. [3]

Dois objectos curiosos despertam a attenção do antiquario, logo ao dar no templo os primeiros passos: os sarcóphagos dos priores do Crato, D. Alvaro Gonçalves Pereira, e de D. Diogo Fernandes d'Almeida.

III

Fôra D. Gonçalves Pereira filho do arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, e de D. Tareja Pires Villarinho, neto do conde D. Gonçalo Pereira [4], e de D. Urraca Vasques Pimentel. [5]

Achou-se com seu pae na celebre batalha do Salado, onde, por ordem del-rei D. Affonso o Bravo, arvorou o santo lenho da vera cruz, que levára do Marmelal, á vista do exercito Portuguez, para a adorar, servindo-lhe depois de guia, precedendo a signa real. [6]

De D. Alvaro Gonçalves Pereira, e de Iria Gonçalves do Carvalhal, nasceu, a 24 de junho de 1360 [7].

[1] Veja-se tambem *Chorographia Portugueza*, l. cit.

[2] *Santuario Marianno*, l. cit.

[3] *Santuario Marianno*, l. cit.

[4] «O conde Gonçalo Pereira foi um dos grandes senhores que houve em Portugal, e tão rico e poderoso, que um dia estando em Pereira, deu setenta cavallos a fidalgos seus amigos e parentes.»

Nobiliarchia Portugueza por Antonio de Villas-boas e Sampaio pag. 99.

[5] *Historia Genealogica da casa real Portugueza*, por D. Antonio Caetano de Sousa, tom. V. pag. 99.

[6] *Primeira parte das chronicas dos reis de Portugal* reformadas pelo licenciado Duarte Nunes de Lião, tom, II.

Chronica del-rei D. Affonso IV pag. 155.

Portugal par Mr. Ferdinand Denis, pag. 32.

[7] É este o dia do nascimento que assignala D. Antonio Caetano de Sousa na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tom. V, pag. 97, e o A. da obra intitulada *Retratos e Elogios dos varoes e donas que illustraram a nação Portugueza, etc.* no *Elogio de D. Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal*; porém José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, nos seus *Estudos Biographicos*, pag. 308, assignala o dia 12, ignorâmos com que fundamentos; Jorge Cardoso menciona sómente o anno, omittindo o mez e o dia; Fonseca na sua *Evora Gloriosa*, pag. 67, marca o dia 14 d'agosto.

D. Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal, conde de Ourem e de Barcellos, mordomo-mór del-rei D. João I. [1]

Em edade mui provecta, depois de lograr o valimento de tres monarchas, aquelle excellente varão, cercado de dezoito filhos,

> Deu o espirito a quem lh'o tinha dado
> Na Amieira, aonde então vivia,
> D'alli a Flor da Rosa foi levado
> Com pompa funeral de clerizia.
> N'aquella mesma egreja sepultado,
> Que ergueu ao santo nome de Maria,
> Repousa lá no ceo livre da guerra,
> Que obras dignas do ceo deixou na terra. [2]

No meio do templo se eleva o moimento sepulchral; é de fino marmore, bem lavrado, de duas peças, em fórma de tumba, constituindo uma o corpo, outra servindo de coberta. Tem doze palmos de comprimento, oito de altura, e quatro de largura; com duas cruzes nas cabeceiras, uma lisa, que mostra ser de Malta, e outra florida que parece ser dos Pereiras. [3]

Para explicar a grandeza do tumulo, houve quem affirmasse, que D. Alvaro Gonçalves fôra n'elle encerrado sobre uma cadeira, e que assentado alli se conservava [4]; outros, porém, attribuiram-na á bizarria generosa do condestavel, querendo que as cinzas paternas repousassem em condigna morada. [5]

Parece que Jorge Cardoso pretendêra, que não D. Alvaro Gonçalves, mas seu avô D. Gonçalo Pereira houvesse sido sepultado n'aquelle logar [6]. Se não houve lapso de penna, como cremos [7], é esta uma opinião singular destituida de fundamento.

IV

É a familia dos Almeidas uma das mais illustres e antigas do reino, havendo alcançado o dr. Antonio Brandão, que já no tempo del-rei D. Sancho I cursavam a corte cavalleiros d'este appellido. [8]

A um dos varões mais insignes d'esta familia, D. Lopo d'Almeida, conferiu el-rei D. Affonso V o titulo de conde de Abrantes em 1471, estando em Camora [9]. Foi do conselho del-rei, e já o era em 1469, e alcaide-mór de Punhete, tendo as jurisdicções do Sardoal, Mação e Amendoa.

Casou com D. Brites da Silva, dama da rainha D.

[1] D. Brites ou Beatriz Pereira, filha do condestavel e de D. Leonor d'Alvim, casou com D. Affonso, filho natural del-rei João I, que de conde de Barcellos foi o primeiro duque de Bragança. «E d'este matrimonio (diz Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano*, tom. III, pag. 216) descendem quasi todos os reis e monarchas da christandade, como se póde ver em os Nobiliarios de Hespanha; e assim com muita razão disse o Psalmista do varão justo e santo: *Potens in terra erit semen ejus, generatio rectorum benedicetur.*»

[2] *Condestabre de Portugal, etc.* Canto III, Est. 44.

[3] Tem por armas em campo vermelho uma cruz de prata florida vasia do campo; timbre uma cruz vermelha, florida, e vazia entre dois cotos de azas de anjos. *Nobiliarchia Portugueza, etc.* pag. 317. As armas a que nos referimos não apresentam o timbre.

[4] *Santuario Marianno*, tom. III, pag. 418.

[5] *Vida de D. Nuno Alvares Pereira por fr. Domingos Teixeira*, pag. 11.

[6] Assim o entendeu fr. Agostinho de Santa Maria no *Santuario Marianno*, tom. III, pag. 418; e o A. da obra intitulada *Retratos e Elogios, etc.* no l. cit.

[7] Jorge Cardoso, fallando do condestavel, no seu *Agiologio Lusitano*, tom. III, pag. 215, diz: Seu pae foi D. F. Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato, filho do arcebispo primaz D. Gonçalo Pereira, e neto de D. Gonçalo Pereira, grande senhor em estado e nobreza, *o qual* jaz sepultado em Nossa Senhora da Flor da Rosa, que erigiu para seu enterro.» Os que attenderem ao rigor da syntaxe pertenderão que o relativo *o qual* se deve referir ao mais proximo, que, effectivamente, é D. Gonçalo Pereira; os que, porém, considerarem, que são incidentes explicativos todas as orações que se seguem á primeira, poderão porventura, referir o relativo *o qual* a D. F. Alvaro Gonçalves Pereira; e parece-nos que esta seria a mente de Jorge Cardoso.

[8] *Monarchia Lusitana* liv. XI (*Ediçao da Academia* tom. II, pag. 96).

[9] É o que diz D. Antonio Caetano de Sousa nas *Memorias Historicas e Genealogicas dos grandes de Portugal*, pag. 267; porém Pedro de Mariz nos *Dialogos de varia Historia*, Dial. IV, cap. IX, diz: «Em a cidade de *Miranda*, fez primeiro conde de Abrantes a Dom Lopo de Almeida, que era seu veador da fazenda, e em outras obras o tinha bem merecido.»

Leonor, mulher del-rei D. Duarte, e camareira-mór da rainha D. Isabel [1]. Teve, entre outros filhos, D. João d'Almeida, segundo conde de Abrantes, D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India, e D. Diogo Fernandes d'Almeida, sexto prior do Crato na ordem de S. João de Portugal. [2]

D'este *cavalleiro muy esforçado*, que foi tambem monteiro-mór del-rei D. João II (*e a el-rei por seus dignos merecimentos muy acepto*) [3], e alcaide-mór de Torres Novas, é, como havemos dito, o outro moimento sepulchral.

Está no cruzeiro, para o lado da epistola; é de formoso marmore, e assenta sobre seis leões, tendo doze palmos de comprimento, seis de largura, e dois de elevação sobre o pavimento. Apresenta na frente as armas dos Almeidas (que são em campo vermelho tres besantes de oiro entre uma sobre-cruz [4]), mas sem timbre; e, em caracteres gothicos minusculos, floreteados, o seguinte epitaphio:

Sepultura do muy magnifico senhor D. Diogo Fernandes de Almeida, Prior do Crato, filho do senhor D. Lopo de Almeida, conde é senhor de Abrantes, o qual de moço muy pequeno, até que faleceo, foy sempre muito aceito e estimado dos serenissimos Reys de Portugal, D. Affonso o V, *D. João o* II, *e D. Manoel o* I, *por ser maravilhosamente dotado de graça natural, e muy esperto em saber todas as cousas, prudencia singular para conselho, e grande esforço em feitos de cavallaria; e assim na paz e nas guerras, necessidades do Reyno, em Castella, e Africa, contra Mouros* [5], *servio sempre grandemente, como singular capitão, e muy esforçado cavalleiro, e sobre isso nas cousas das festas, e gentilezas da corte* [6]. *E sobre todas alcansou muy grande primor. Foi duas vezes em soccorro de Rhodes, onde por serviço de Deus e de sua Religião, contra os Turcos fez feitos de perpetua memoria. E tornando de lá, chamado del Rey D. Manoel, foy d'elle recebido com gasalhado, amor e honras desacostumadas, e quando mais prezada, e desejada sua vinda estava por tão vistosas obras, fez o muyto Alto Senhor dar santo fim a seus dias, dobrando com seu falecimento em todos muy saudoso desejo, e verdadeiro conhecimento do grande preço de sua pessoa, e valia para serviço d'estes Reynos; e faleceo em Almeirim aos* XIII *de Mayo de* 1508. [7]

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

CARTA

Animado pela summa benevolencia com que v. tem solvido sempre as questões grammaticaes, que tenho submettido á sua consideração, vou continuar no meu empenho, convencido de que faço tam bem algum serviço a outros, que, como eu, frequentes vezes hão de hesitar em differentes pontos da nossa grammatica.

Tenho notado que algumas pessoas cedem hoje, no emprego da conjuncção *e*, no principio dos periodos,

[1] Veja-se *Conquista, Antiguidade e Nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra, escripta por Antonio Coelho Gasco*, cap. XII, pag. 117.

[2] *Memorias Historicas e Genealogicas dos grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa, pag. 262 (Segunda Edição).

[3] *Chronica del-rei D. Joao* II por Ruy de Pina, cap. XXVII (*Ineditos de Historia Portugueza*) tom. II, pag. 76.
Chronica del-rei D. Joao II por Garcia de Resende, cap. LXVII.

[4] *Monarchia Lusitana* l. cit. e *Nobiliarchia Portugueza*, pag. 232.

[5] Veja-se na *Chronica del-rei D. Joao* II, por Ruy de Pina já cit. o cap. XXVII, que se inscreve: *Hida de Dom Diogo d'Almeida aos Aduares em Africa.*

[6] Veja-se na *chronica del-rei D. Joao* II, por Garcia de Resende, o cap. CXXVII, que se inscreve *De como el-rei deu sua mostra, e do estado grande e riqueza, e invenções que trazia.*

[7] Ignoro os fundamentos em que se baseou D. Antonio Caetano de Sousa, para assignar esta morte a 16 de maio de 1505, nas *Memorias Historicas e Genealogicas dos grandes de Portugal*, pag. 269.

mais ao que dizem *uso* ou *moda*, do que á verdadeira syntaxe. Parece-me que a natureza copulativa d'esta conjuncção não póde permittir tão arbitrario emprego; e que na maior parte dos casos ella é mal cabida; v. porém, me esclarecerá sobre este ponto, como tão benevolamente o tem feito com os outros.

Sempre de v. etc. — *Fabio*

RESPOSTA

Assentemos primeiramente qual é a theoria do emprego das conjuncções copulativas na lingua portugueza, que são, principalmente *e*, *tambem*, *outrosim*, e as mais que os grammaticos chamam *compostas*, que todas se derivam d'aquella *simples*.

Serve a conjuncção copulativa para ligar e jungir as orações que são identicas n'alguns dos seus elementos, as que estão na mesma relação para com outra, e as que concorrem, como partes, para formar do periodo um quadro unico e completo na sua expressão.

Segue-se d'aqui, obviamente, que apesar de haver ponto final que termine uma phrase ou proposição, a segunda que se lhe reunir para completar a pintura do nosso pensamento, por via da conjuncção *e*, começará por ella, em maiusculo, abrindo ás vezes novo periodo, se com elle temos de prefazer o discurso.

É esta a pratica dos nossos classicos, e alguns com demasiada frequencia, por imitação latina.

Por exemplo, o padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctor classico, na versão da Biblia, segue rigorosamente a Vulgata, começando quasi todos os versiculos pela conjuncção *e*. E nomeadamente a traducção do capitulo XI do propheta Daniel, que tem 45 versiculos, ou paragraphos na escripta, todos começam pela conjuncção *e*, como no texto latino.

Mas não só vemos isto nas traducções; a Ordenação do Reino, que tambem é livro classico, nos ministra abundante colheita d'esta construcção. Abrimos agora o liv. I, e no tit. LXXLX: *Dos tabelliães do judicial*, que tem 46 paragraphos, apenas 5 não começam pela conjuncção *e*, todos os mais a tem a eito.

Em Vieira é tambem esta construcção communissima. Daremos um bom exemplo:

«Muito mais males, e mais perigos, nascem por causa das enfermidades do animo, que por causa das do corpo. *E* basta, para se não poder negar isto, estarem aquellas na melhor e mais nobre parte do homem».

Quando fizermos uma pergunta sobre o que está dito, necessariamente [illegible] de começar a phrase pela conjuncção *e*. ouçamos o mesmo Vieira:

«Á sepultura chamou David, discretamente, terra do esquecimento. *E* que terra ha que não seja do esquecimento, se vos passastes a outra terra»?

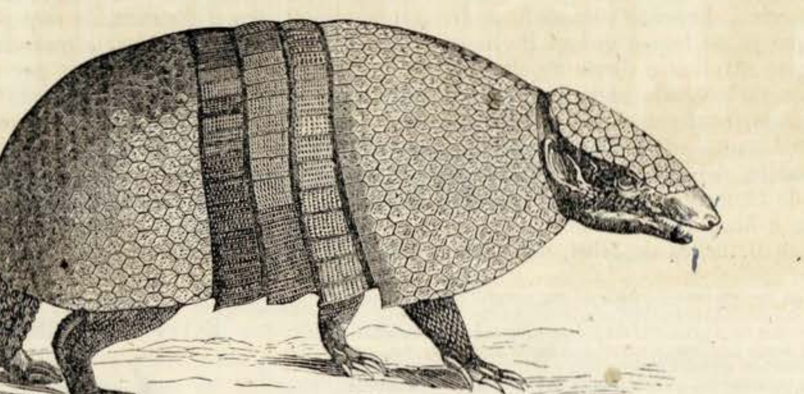
Ainda mais. Até nas phrases interrogativas e exclamativas, os nossos bons escriptores rompem com a conjuncção *e*. Ex:

«E que bem parece a serenidade e luz com que amanhece o dia depois de noite escura e tempestuosa!» — *Fr. Antonio das Chagas*. Sermões.

Por energia e amplidão de phrase tambem os nossos classicos usaram, como os italianos e os francezes, da expressão: *E bem*.

«E bem, Senhor, vós, a mim, lavar-me os pés»? *Vieira*. Sermões t. 7. pag. 354. Diz S. Pedro a Christo, exemplo este que vem estropeado no *Dicc.* de Moraes, mudando-se o *e* de conjuncção em verbo!

Eis o que temos a ponderar ao nosso escrupuloso correspondente. Advertindo, que se ha abuso n'esta faculdade que tem a nossa lingua, só esse poderemos reprehender e condemnar.



Tatú ou Encoberto

Ha na classe dos mammiferos uma familia de animaes, que tem armadura completa, movediça, de natureza óssea, a que os brasileiros chamam *tatús*, os hespanhoes *armadilhos*, e os portuguezes *encobertos*. Todos estes nomes andam nos livros de zoologia.

Os tatús são oriundos da America meridional, nas regiões quentes e nas temperadas, taes como o Mexico, o Brasil, as Guyanas, o Paraguay e o Chili.

A armadura d'estes animaes consta de tres peças, que são, um escudo bipartido, que lhes cobre as espadoas, uma coiraça que lhes resguarda o dorso, e um capacete ou morrião.

Todas estas peças são formadas por cintos dobradiços, sobrepostos uns nos outros, em fieiras. Por entre as junturas d'estes cintos moveis, saem-lhes alguns cabellos similhantes ás sedas de porco. Sobre o peito, ventre, pernas e cauda tem uns rudimentos de escamas, redondas, duras e polidas. Em roda d'estas escamas vêem-se umas borlinhas de cabello.

A nossa estampa representa o *tatú* chamado *apára*, cuja coiraça tem apenas tres cintos transversaes, quando o *tatú gigante* tem dezoito. O seu comprimento é de 38 centimetros.

Quando o tatú quer dormir, ou quando lhe tocam, encolhe e junta todos os quatro pés, mette a cabeça debaixo do ventre, e curva-se tão habilmente em fórma de bola, que, n'este estado, mais parece uma concha dos mares que um animal terrestre. Esta contracção ópéra-se por dois musculos que o animal tem nos lados do corpo, tão resistentes, que o homem mais forçoso não o póde desenrolar.